

O Século XIX e "Os Sertões"

A questão relativa à evolução das espécies esteve grandemente em foco no século XIX. Lamarck e Saint-Hilaire proclamam o transformismo, mostrando que a variação das espécies é função do meio e do regime. Em 1859, Darwin, na sua *Evolução das Espécies*, sustenta a seleção natural é a causa principal das variações dos seres vivos. Esses estudos, baseados apenas na observação dos fatos, tomaram caráter científico após os estudos experimentais de Naegeli, Jourdan e Mendel, tendo este último fixado as leis da hereditariedade.

O problema da variação das espécies, no começo só adstrito aos naturalistas, logo estendeu-se a um campo mais vasto, e filósofos como Hegel e Herder mostraram que as diferenciações étnicas também se subordinam às condições geográficas e que, portanto, a geografia deve ser o fundamento da história.

Quando o Romantismo foi introduzido na França, Mme. Stael, já sob a influência dessas novas idéias, revolucionou a crítica literária, afirmando que os escritores não deviam ser julgados do ponto de vista das regras e do bom gosto, como estabelecera Boileau, mas de acordo com a sua raça e as circunstâncias políticas e sociais da época em que viveram.

Os historiadores e críticos do período romântico logo esposaram esse ponto de vista. As obras históricas de Michelet fundamentam-se na geografia. Para Taine os fatos sociais são determinados pelas leis zoológicas e dependem sobretudo da influência da raça, do meio e do momento. Saint-Beuve fala duma história natural dos espíritos; Honoré Balzac, em sua *Comédie Humaine*, admite também uma teoria zoológica, crendo ver na sociedade humana espécies tão características como as dos animais. Os naturalistas, com Zola à frente, vão mais longe: submetem o desfecho dos seus romances ao determinismo do meio.

Foi justamente no fim do século XIX que Euclides da Cunha escreveu "*Os Sertões*". Nota-se perfeitamente que ele, como todos os espíritos esclarecidos do seu tempo, estava apaixonado pelos problemas da evolução.

Podemos assegurar mesmo que, na sua grande obra, a narração do triste episódio da guerra dos Canudos ocupa lugar secundário. O título que lhe deu e os capítulos em que a dividiu já mostram a veracidade do que afirmo. Sob o pretexto de narrar um fato, que no momento empolgava a nação, estudou ele, à luz das teorias evolucionistas, a nossa formação racial.

De fato, na primeira parte do seu livro, Euclides descreve a Terra, isto é, o cenário da luta, pintando com cores vivas a agressividade do clima e a selvaticueza das matas sertanejas, flageladas periodicamente pelas secas. Na segunda parte, a mais importante, focaliza o Homem, estudando a formação do tipo étnico brasileiro em relação ao seu habitat. Mostra-nos a ação da Serra do Mar e do Tietê sobre a gênese do paulista; a do rio São Francisco sobre a formação do vaqueiro nordestino, produto híbrido, resultante da fusão de duas raças, do branco do norte e do cafunço do sul; finalmente, as diferenças entre o vaqueiro do vale do São Francisco e o gaúcho dos pampas sulinos, em consequência das variações do meio: este — alegre e fanfarrão, habitando um clima ameno e dadivoso; aquele — triste, mas forte, estupidamente forte, em luta constante com o meio adverso.

Na terceira parte, Euclides, antes de entrar no histórico da luta, mostra-nos como, em consequência ainda de reações mesológicas, o sertanejo forte se transformou em jagunço turbulento. As catástrofes arruinaram o solo e desviaram o homem da cultura da terra para a vagabundagem inútil da vida erradia. Ao garimpeiro, saqueador da terra, sucedeu o cangaceiro, saqueador de cidade. Ainda reconhecendo esses fatos, Euclides reprova a luta fratricida de Canudos. O governo devia procurar modificar o ambiente que produziu o jagunço e chamar este à civilização; infelizmente, numa cegueira indisculpável, enviou-lhe o legislador Comblain esse argumento único, incisivo, supremo e moralizador — a bala!

Como se vê, "*Os Sertões*" de Euclides da Cunha baseia-se exclusivamente no determinismo do meio; escrevendo-o, quis apenas narrar um acontecimento do que provar uma tese. É por isso que críticos, como José Veríssimo, procuram excluir essa obra prima do rol dos livros de literatura.

Eles ignoram que até o século XIX a maioria dos livros científicos, sobretudo os de história, eram considerados obras literárias, apesar dos termos técnicos e do estilo arrevezado dos seus autores.

Dr. Júlio Schwenck Magalhães